

## CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

### A CASA

19 e 28 de Maio de 2026

### Tab / 2022 Lá em Cima

um filme de HONG SANGSOO

*Realização, Argumento, Fotografia, Música, Montagem:* Hong Sangsoo *Argumento: Fotografia* (digital, preto-e-branco): *Som:* Kim Hyejeong *Fotografia de cena:* Kim Min-hee *Interpretação:* Kwon Hae-hyo (Byung-soo), Lee Hye-yeong (Sra. Kim), Song Seon-mi (Sunhee), Yun-hee Cho (Jiyoung), Park Mi-so (Jeongsu), Shim Seok-ho (Jules).

*Produção:* Jeonwonsa Films (República da Coreia, 2022) *Produtor:* Hong Sangsoo *Direcção de produção:* Kim Min-hee *Cópia:* Midas Filmes, DCP, preto-e-branco, legendado em português, 97 minutos *Título internacional:* WALK UP *Estreia:* 15 de Setembro de 2022, no Festival Internacional de Cinema de Toronto *Estreia comercial em Portugal:* 14 de Setembro de 2023 *Primeira apresentação na Cinemateca.*

---

Na pauta de Hong Sangsoo, LÁ EM CIMA é um filme a branco, na vertical, mas uma vertical envolta na linha curva, ilimitada, da espiral. A verticalidade assume as linhas do edifício de três andares, com cave, no qual a acção decorre no cimo da colina que as personagens percorrem ofegantes, quando chegam a pé e não de automóvel – TAB, o título original, significará literalmente *torre*; a espiral, lembrada na arquitectura das escadas do dito edifício, participa da estrutura em variações da narrativa. Esta progride literalmente na vertical, à medida que os pisos do edifício são subidos, instalando a história, com as mesmas e outras personagens, em cada apartamento – um restaurante, uma oficina de culinária, o escritório das sextas da proprietária na cave, uma residência com varanda, um estúdio com terraço no último andar. Em simultâneo, a narrativa tem a geometria da espiral no sentido hongsangsooniano do termo, que tende para a *transformação reversível* – no caso de LÁ EM CIMA, uma história em quatro andamentos, ou quatro histórias, associadas a cada um dos andares, cave incluída, que propõem uma perspectiva nova sobre o momento emocional do protagonista masculino, tornando difusa a cronologia dos acontecimentos num período igualmente vago.

A solidez formal marcada pela disrupção na continuidade, a experimentação, colisões e brechas, declinações, reminiscências assentes em representações de situações quotidianas que derivam de fragmentos e reclamam a igualdade das coisas são a matéria do cinema de Hong Sangsoo. É um mundo de tempos simultâneos, possibilidades alternativas, equilíbrios improváveis, subtilezas, em que a memória, a imaginação e os sonhos, ou os seus reflexos e estilhaços, podem ser parte da mesma realidade homogénea. Este “mapa” tornou-se mais transparente a partir de “A VIRGEM DESNUDADA PELOS SEUS PRETENDENTES” (OH! SOO-JUNG, 2000), terceira longa-metragem do cineasta sul-coreano, a primeira filmada a preto-e-branco em nome da concentração da atenção dos espectadores nas pequenas variações das cenas repetidas. Ainda que as rimas mais directas com “A VIRGEM DESNUDADA PELOS SEUS PRETENDENTES” sejam, na obra vertiginosa de Hong Sangsoo, as estruturas duplas que reaparecem em “CONTO DE CINEMA” (2005) e SÍTIO CERTO, HISTÓRIA ERRADA (2015), a variação dos tons cinzentos associam-no também a “O DIA EM QUE ELE CHEGA” (2011), à fiada invernia de O DIA SEGUINTE, GRASS, “HOTEL À BEIRA-RIO” (2017-18), antes do preto-e-branco de LÁ EM CIMA, mais a branco, e de A ROMANCISTA E O SEU FILME, com uma comovente sequência a cor, pares de ano pandémico-pós-pandémico.

Na parelha de obras de 2022 (a que a fertilidade de Hong Sangsoo já acrescentou seis para sete filmes: GEUNYEOGA DORAON / “O DIA EM QUE ELA CHEGA”, de 2026, é o último concluído; IN THE MIDDLE OF LIFE está em fase de pós-produção), num ponto em que de facto o seu cinema é “pura depuração e refinamento de um método de trabalho que se tornou ele próprio num método de ‘escrita’ cinematográfica” (escreveu Luís Miguel Oliveira), Hong Sangsoo concentra papéis (argumento, realização, produção, fotografia, música, montagem) e filma com poucos actores, também eles velhos e novos cúmplices. Kwon Haehyo (numa nona vez com Hong Sangsoo) interpreta Byungsoo, um realizador de meia-idade que acompanha a filha Jeongsu (Park Miso, no terceiro Hong Sangsoo), aspirante a *designer* de interiores, numa visita ao prédio de uma velha amiga com pergaminhos na área (Lee Hyeyoung no papel da Sra. Kim, idem para a terceira colaboração). Tudo parte daqui, no prédio branco do cimo da colina (fica no bairro de Gangnam, em Seul, mas a coordenada não é dada, do prédio sabemos apenas que tem “Salt” escrito numa pequena tabuleta da fachada).

Este primeiro encontro de um trio de personagens, que se sentam para comer e beber vinho de arroz no primeiro andar depois de uma visita guiada ao edifício, é “quebrado” quando a rapariga sai para ir buscar mais vinho a uma loja de conveniência depois de o pai a ter deixado em dueto com a proprietária que “gosta de arranjar casas”. Sugerindo continuidade, o “capítulo” seguinte baralha, ou não baralha, a lógica da linearidade narrativa no sentido canónico do termo. O que é certo é que quando esperamos que a filha suba a colina com nova remessa de vinho, é o pai que volta a chegar de garrafa na mão e cabelo aparentemente mais grisalho. Este tipo de “desencontros”, “guinadas” habita o filme com a mesma naturalidade das recorrências que o atravessam, sejam motivos diegéticos, cénicos, cenográficos ou visuais e sonoros.

Sob o efeito minimalista da música, os encadeamentos entre os quatro blocos de LÁ EM CIMA têm a subtileza nevrálgica de Hong Sangsoo, fluem na aparência da simplicidade. Tal e qual acontece com a teia de relacionamentos entre pai e filha, o realizador e as várias mulheres da contracena em cada andar, em cada capítulo. A personagem da filha encontra equivalente na do jovem recepcionista do prédio, com quem são trocadas palavras e cigarros ao nível da entrada. Entre as demais, sucedem-se trios e duetos, encontros e conversas com petiscos, vinho de arroz e, no último, soju, uma guitarra para ser tocada, a ilha de Jeju como horizonte ideal. A sinalização da experiência da Covid-19, num recipiente de gel desinfectante ou em alguns diálogos, permite uma leitura do filme a partir do confinamento doméstico forçado, mas essa é apenas uma das múltiplas camadas que mais vincadamente o alicerçam nas inquietações humanas, na natureza humana, na extrema complexidade do que ali se encena entre as personagens, no íntimo das personagens, nos movimentos mais e menos visíveis das personagens. A vacilação emocional, o processo criativo, a posição provisória das coisas nesta vida fazem parte da gravidade de LÁ EM CIMA, que parece ter a claridade do branco e é rigoroso como tudo.

É um filme para ser analisado ao pormenor, coisa que este texto não faz por tentador que seja, pressentindo-se que, não obstante, o mistério resista. Até porque nem tudo, desejavelmente, se decifra.

Maria João Madeira